

A comunicação homem-animal numa fazenda de Minas Gerais

HILDO HONÓRIO DO COUTO

Abstract

The purpose of this paper is to analyse man-animal communication, a widespread phenomenon on farms. There are specific expressions for each kind of animal (dogs, cats, cows, chickens, etc), all of them highly context-bound. Thus, pragmatic (kinesic, proxemic) aspects play an important role in this kind of communication. Finally, suggestions are made about some possible "universals of communication".

Todo e qualquer processo de comunicação interessa ao semiótico. Assim sendo, temos hoje diversas publicações sobre os aspectos paralingüísticos, cinésicos e proxêmicos da comunicação humana, sobretudo nos Estados Unidos. A etologia e a zoo-semiótica têm investigado a comunicação animal. A comunicação homem-animal, entretanto, não tem merecido a mesma atenção. Ora, num país eminentemente agrário como o Brasil, em que a convivência do homem com várias espécies de animais domésticos é bastante intensa, seria de se esperar que o assunto já estivesse razoavelmente bem explorado. Não é o que ocorre, porém. De meu conhecimento não existe nenhuma publicação a respeito desse tipo de comunicação entre nós.

O que pretendo fazer aqui é comentar alguns dados colhidos por mim numa pequena fazenda próxima a Major Porto (ex-Capelinha do Chumbo), município de Patos de Minas, Minas Gerais. Antes, porém, gostaria de falar um pouco sobre a economia local.

Do ponto de vista da formação sócio-econômica brasileira, trata-se de mais um dentre os vários quistos nos quais as relações de produção estão ainda no estágio medieval de desenvolvimento. Como diz Engels, "na sociedade medieval, e sobretudo nos seus primeiros séculos, a produção destinava-se principalmente ao consumo próprio, a satisfazer apenas às necessidades do produtor e sua família" (Engels, 1984:61). E precisamente isto que ocorre nesta fazenda. Com efeito, quase todos os produtos básicos para a subsistência dos seus habitantes são endógenos, tendo como força produtiva os próprios membros da família e seus auxiliares animais. A família consta do casal e de sete filhos, dos quais os quatro primeiros são mulheres e os três últimos são homens (a mais velha tem cerca de 22 anos e o caçula aproximadamente 9). A autoridade suprema é o pater famílias.

Todo mundo participa da produção dos meios de subsistência de acordo com suas possibilidades, de modo que a divisão do trabalho é determinada mais

pela natureza do que socialmente. Os produtos básicos tirados da terra são feijão, arroz, milho, algumas frutas (laranja, banana, etc). Além disso, produz-se também carne (de porco, de galinha, de gado), ovos, leite, etc. Algumas das poucas coisas que têm que comprar fora são sal e tecidos. Como na época do feudalismo, "não se produzia, pois, nenhuma troca, nem os produtos se revestiam, portanto, com caráter de mercadorias" (Engels, 1984:61).

Na sua luta pela vida, os membros da família em questão lidam diariamente com 32 vacas (e suas crias), 3 touros (marrucos), 8 bois de carro, 4 novilhos, 4 cachorros, 6 equinos, vários galináceos, 3 gatos e alguns porcos. Assim sendo, seria de se esperar que surgisse algum tipo de comunicação entre homem-animal. E é o que efetivamente se dá, embora o fato seja comum a todas as fazendas circunvizinhas e, até certo ponto, ao Brasil inteiro¹. Em (1)-(8) apresento todas as expressões dessa linguagem que consegui coletar, classificadas por espécie, a que se destinam e em transcrição fonética aproximada.

(1) cachorros

(a) [tʃi - tʃj, tʃi, tʃiwj, |ʃi - Lʃ, lʃi - IʃiwJ

(b) [sa:y tʃiw], [sa:y]

(2) gatos

(^a)tPÍ!WÍ-Rfjwi

(b)LÍÍ:piJ, [Ji:p]

(3) galinhas

(a)[t.M'UÍ>Iji], ItfUfitfitfil

(b)[ji.tji |Jj:tJ, |Ji:t] [Mil

(4) porcos

(a) [kuj kuj' kuj], |cku cku cku

(b) [haja] haj |haja

(5) vacas

(a)[\ê:y| he:y c:y

(c)[va:ka] lha:ka] |lia:k] [a:k]

(6) cavalos

(a) [ko ko ko] [ko ko]

(c) [pf pF ^ 1] 2

(d) L fʃwJ

(7) bois

(a) [vã.ni] (hã:mj, [vay bufi'j, etc.

(c) [oi] [o:wa] [o:\vwa]

(e) [c orvay]³

(8) passarinhos

(b)Lío:] Lío]

Deixei de representar a entoação que, aliás, desempenha papel fundamental, por ser de difícil transcrição e para não tornar os dados mais complexos do que já são. No entanto, não devemos perder de vista que para sermos inteiramente fiéis à realidade ela não pode ser ignorada. Além do mais, a mensagem enviada pelo homem ao animal vem sempre acompanhada de componentes cinésicos e proxêmicos. Por exemplo, quando alguém usa para o gato a expressão [lj.pj] , em geral está próximo dele e faz um gesto de ameaça com a mão, com o pé ou com algum instrumento (um cabo de vassoura, por exemplo). Mas, infelizmente, tampouco estes componentes foram considerados, quando não pelo fato de ainda não dispormos de um modelo integrado para a análise da comunicação integral. Por fim, não podemos esquecer que há a comunicação animal-homem, em geral por meios cinésicos e proxêmicos. Um exemplo seria quando o gato se aproxima, miando, de alguém que está comendo. Trata-se de um miado bem típico que o homem decodifica como sendo um pedido de comida. Outro exemplo seria o caso em que o cachorro se aproxima, abanando o rabo, de uma pessoa que está comendo algo, fitando-a intensamente. Com isso ele está solicitando comida. No entanto, os estudos etológicos e zoo-semióticos ainda estão engatinhando nesse setor específico. Por isso, também esta faceta da comunicação fica de lado (cf Sebeok, 1973).

Voltando às transcrições fonético-segmentais das mensagens enviadas pelo homem ao animal apresentadas em (1)-(8), constata-se uma série de fatos. O primeiro é o fato, já observado acima, de que para cada espécie de animal existe um significante especial para (a) chamar, (b) afugentar, (c) estimular, (d) ordem de parar e (e) "segurar", sendo que (d) só é usado para bois e cavalos e (e) só para bois. Podemos já antecipar que ambos são usados como força de trabalho: o cavalo carrega o homem e o boi puxa o carro e o arado. O segundo fato que salta à vista é a grande variabilidade nos significantes de cada mensagem, o que faz lembrar a alomorfia na língua. Em terceiro lugar, verifica-se que ocorre uma grande quantidade de sons que não são comuns ou até mesmo inexistentes no português falado entre seres humanos. Como se nota facilmente em (1)-(8), grande parte das vogais são longas (representadas com dois -s), como em (1)(b), (5) e (7)(c). Outras são surdas (representadas por um pequeno círculo sotoposto), como em (1)(a), (2) e (3). Em outros casos temos consoantes que não /s/,/r/, e /l/ em posição pós-vocalica, como em (2)(b), (3)(b) e (4). Finalmente, temos pelo menos um som com ar inspirado ou ingressivo, ou seja, um clique bilabial africado surdo, como em (6)(c), o que representei com dois sinaizinhos de "maior do que" superpostos a /pf/.

Os últimos fatos acima expostos fazem da comunicação homem-animal um campo de alto interesse para o foneticista. Ele poderá até mesmo tentar descobrir possíveis correlações entre os signos da comunicação homem-animal e os ideofones usados na comunicação homem-homem. Entretanto, não é isso que interessa diretamente no momento. Mais importante para os objetivos que me propus é a

inserção deste tipo de comunicação no contexto mais amplo da luta do homem com a natureza com o fito de produzir os meios de subsistência.

Observando os seis tipos de mensagens enviadas pelo homem ao animal - (a) chamamento, (b) afugentamento, (c) estímulo ou acicate, (d) ordem de parar e (e) ordem de "segurar" o carro - nota-se que se trata de expressões já cristalizadas, codificadas e não de signos naturais como a ameaça física com algum instrumento. Daí se segue que a resposta do animal ao estímulo do homem é um reflexo condicionado, adquirido. É claro que se trata de uma linguagem bastante primitiva, mais próxima do primeiro sistema de sinais do que do segundo (Pavlov, 1980). De qualquer maneira, não se trata de sinais do segundo sistema desenvolvidos.

Os seis tipos de mensagens podem ser reduzidos a um único, a ordem. Em alguns casos se trata de ordem para que o animal venha até o emissor (a), em outros de ordem para que ele vá embora (b), em outros de ordem para continuar andando ou trabalhando ou até mesmo fazê-lo mais depressa (c), em outros de ordem para parar (d) e em outros, finalmente se trata de ordem para segurar o carro (de boi). Verifica-se, portanto, que se trata de uma relação assimétrica, em que o homem é sempre a parte ativa e o animal a parte passiva. Ou seja, o homem manda e o animal obedece, embora haja casos excepcionais de desobediência, o que, aliás, reforça o caráter de reflexo condicionado da resposta animal.

Do ponto-de-vista dos atos de fala de Searle, se poderia dizer que se trata de atos ilocucionários de solicitação de comportamento. Com efeito, estes "são unidades mínimas de comunicação lingüística". Mesmo considerando as expressões de (1)-(8) como não-lingüísticas, podemos considerá-las atos ilocucionários, pois até expressões como "Hurrah !" e "Ouch !" da comunicação homem-homem o são (Searle, 1972:137).

Mas o fato mais importante é que o homem é parte ativa da interação. E isto não é casual. Acontece que, como já foi sugerido acima, a comunicação homem-animal surgiu das necessidades do trabalho humano, da luta do homem com a natureza a fim de produzir os meios de subsistência. Os animais são parte integrante das forças produtivas ou, mais especificamente, instrumentos ou meios de produção de que ele dispõe a fim de obter os produtos de que necessita. Aliás, outra coisa não seria de se esperar dado o estágio de evolução histórica em que se encontra a pequena formação sócio-econômica objeto do presente estudo, ou seja, o feudalismo. Nessa época, ampliou-se a pecuária, na economia agrícola utilizava-se cada vez mais o gado produtivo e os animais de trabalho (Afanássiev, 1978:225). Não é para menos que a língua dispõe de termos como "doméstico", "domesticação", "animal doméstico", etc. Por outros termos, o homem treina animais para que o ajudem na produção dos meios de subsistência. Como qualquer treino ou domesticação, também este pressupõe a aquisição por parte do "treinado" de algum tipo de resposta estereotipada (reflexos condicionados).

Vejamos agora a questão da variabilidade dos significantes, isto é, da alomorfia, se é que podemos falar em morfemas nesse caso. Em sua luta pela vida, o homem produz não só instrumentos, objetos de uso e mercadorias; produz também palavras. Como diz Rossi-Landi, existe "o trabalho não lingüístico" e "o trabalho lingüístico", os quais "se reduzem ao gênero ao qual pertencem na mesma qualidade" (Rossi-Landi, 1975:112). A fim de ter uma terminologia mais consên-

com os objetivos deste trabalho substituirei, doravante, a expressão "lingüístico" por "semiótico" e falarei em "trabalho semiótico" e "trabalho não-semiótico".

Já que o estágio de desenvolvimento histórico da fazenda equiivale mais ou menos ao medieval segue-se, tautologicamente, que sua produção material está num nível medieval. Em outros termos, relativamente ao estágio de desenvolvimento da produção nas cidades e até mesmo em outras regiões rurais do país, a produção na fazenda em questão é bastante simples, pré-capitalista. Segundo Marx, "não há produção possível sem um instrumento de produção, seja este instrumento apenas a mão "(Marx, 1978:105). No caso, os instrumentos usados são quase exclusivamente a mão ou então alguma extensão imediata dela e, evidentemente, os animais (cavalos, bois, etc). Conseqüentemente, os produtos saídos do trabalho local são tirados diretamente da terra, praticamente sem o intermédio do beneficiamento por máquinas. Em suma, os produtos do trabalho "não-semiótico" são primitivos, toscos, se comparados com a sofisticação da produção industrial-eletrônica urbana. Esse estágio de desenvolvimento tem como conseqüência inevitável relações de produção ou relações sociais também de nível feudal. Como já observei acima, o pater-familias é quem dá a última palavra. Ele é o senhor absoluto, feudal, com a única diferença de que ele também trabalha e não só os "servos"(mulher, filhos e agregados).

Há um princípio dialético-materialista segundo o qual tudo está relacionado, em maior ou menor grau. A uma formação social pequena como a nossa fazenda este princípio se aplica com mais razão ainda. Assim sendo, se o resultado do trabalho não-semiótico é primitivo, tosco, nada mais natural que o produto do trabalho semiótico também o seja. Afinal de contas, os dois têm a mesma natureza, são duas espécies do mesmo gênero, como disse Rossi-Landi. E aqui temos uma explicação para a grande variabilidade de (1)-(8). Entendendo "tosco" e "rude" como "não muito definido", "de contornos não muito nítidos", temos a chave para explicar a grande "alomorfia" em questão. Assim, para estimular vacas não se tem uma expressão única e bem delimitada, mas quatro possibilidades, todas elas girando em torno de um núcleo fonético comum que é o a longo e uma entoação e uma intensidade sonora bem definidas. Ela vai desde [va:kɑ] até [a : k], podendo ocorrer até mesmo [a :] com oclusão glotal.

Nesse ponto não se pode esquecer o papel fundamental exercido pelos ingredientes paralíngüísticos, cinésicos, e proxêmicos. Enfim, o contexto comunica quase tanto quanto os signos sonoros. E aqui temos uma diferença radical entre a língua e a linguagem da comunicação homem-animal. Enquanto esta é ineficaz quando desligada do contexto da ocorrência, aquela pode e freqüentemente ocorre descontextualizada. Outra diferença básica entre ambas consiste no caráter discreto das mensagens lingüísticas e no fato de as mensagens da comunicação homem-animal serem holísticas, globais, indecomponíveis, o que atesta mais uma vez o seu caráter primitivo. A ontogênese lingüística está aí para comprovar a filogênese.

Seria interessante salientar pelo menos uma exceção no que tange ao holismo, ao caráter não discreto das mensagens da linguagem homem-animal. Comparando a expressão para afugentar gatos (2)(b) [fj:pij] com a equivalente usada para afugentar galinhas (3)(b) |\i:t|i|, verifica-se que se pode destacar o elemento

comum inicial [i>J e os que são específicos para gatos [-pi] e para galinhas {- ij'i], respectivamente. Por ser um único exemplo, não nos permite tirar nenhuma conclusão. Pode tratar-se, inclusive, de mera casualidade.

Tanto os produtos do trabalho semiótico quanto os do trabalho não-semiótico existem para o uso imediato. E aqui surge outra grande diferença entre os signos da linguagem verbal e os de (1)-(8). É que os primeiros têm uma referência fixa e permanente, o que justamente lhes permite ocorrerem fora de contexto. Os signos da linguagem homem-animal, por seu turno, não têm nenhuma referência a entidades exteriores ao ato comunicacional (ato de fala ?). Sua contextualidade (*Kontextbedigtheit*) é absoluta, o que a aproxima da linguagem animal propriamente dita. "Até o presente não se detectou, na intercomunicação animal, nenhuma mensagem relacionada exclusivamente a uma função identificante, referencial(ou, em outros termos, cognitiva) e livre de qualquer função emotiva e conativa" (Jakobson, 1973:6).

O caráter contextual, pragmático das mensagens enviadas pelo homem ao animal está intimamente relacionado com outro aspecto da produção e consumo de mensagens. Sabe-se que o produto do trabalho humano quer ele seja não-semiótico, quer ele seja semiótico encerra dois tipos de valores, segundo a perspectiva pela qual o encaramos. Trata-se do valor de uso e do valor de troca. "Os valores de uso são imediatamente meios de subsistência", ao passo que "o valor de troca aparece primeiramente como relação quantitativa em que valores de uso são trocáveis entre si" (Marx, 1978:136). Pois bem, as expressões da linguagem homem-animal poderiam, em princípio, conter ambos os tipos de valor. Sabemos, porém, que elas só são usadas (consumidas) em situações muito bem definidas, isto é, só ocorrem na situação de produção e consumo imediatos. Conseqüentemente, contêm, acima de tudo, valor de uso. Com efeito, quando o rurícola usa uma das expressões de (1)-(8), o que importa é o fim a ser atingido, a ação, a produção. Se a língua permite os aranzéis ocios e intermináveis que proliferam em nossa sociedade, o mesmo não se dá nem na linguagem animal-animal nem na linguagem homem-animal ora examinada. Aqui a única finalidade é a produção dos meios necessários à vida. O meio que se usa para se atingir essa finalidade fica em segundo plano, isto é, os signos que o homem usa para dar ordens aos animais não são, em si mesmos, a finalidade última. Quando se diz [haja] i para o porco, o objetivo não é apenas proferir signos, ou seja, emitir palavras e manter a coesão do grupo como ocorre nos usos "sociais" da língua. Em outros termos, não é o valor de troca do signo que está em causa. O que se quer é efetivamente que o animal vá para longe, por estar incomodando ou para entrar no chiqueiro, por exemplo.

Ora, se o signo, ou melhor, se o significante não é o mais importante(finalidade), se ele é apenas um instrumento (meio) para a produção dos meios de subsistência, em suma, se o valor de uso sobrepõe o valor de troca, é perfeitamente compreensível que não apresente contornos bem definidos. Dito de outro modo, sendo a função o fulcro de interesse e não a forma, segue-se que os significantes podem não ser rigidamente delimitados. Vê-se, portanto, que a distinção "valor de uso/valor de troca" nos dá mais um critério para explicar a grande variabilidade dos significantes da linguagem homem-animal. Com a língua se dá, amiúde,

justamente o contrário, ou seja, ênfase no valor de troca em vez de no valor de uso. Por exemplo, numa redação escolar o professor em geral está interessado não na mensagem que o aluno tem para transmitir (valor de uso), mas na forma como ele redige(valor de troca). Isso é apenas um dos reflexos da inversão de valores vigente na sociedade de produção capitalista.

Vejamos agora a questão da existência de significantes diferentes para cada espécie animal. Em primeiro lugar, poderíamos levantar a hipótese de que no desenvolvimento histórico da relação homem-animal foram se cristalizando aqueles sons mais adequados à percepção de cada espécie animal. No início, o homem teria emitido quaisquer sons, aleatoriamente. Em seguida, se teria começado a depurar e especificar aqueles sons que eram mais eficazes para cada tipo de animal. Entretanto, explicações como essas demandariam conhecimentos fisiológicos, sobretudo da percepção auditiva dos animais. Ora, se a própria percepção humana permanece ainda pouco conhecida, a animal o é menos ainda. No caso, é bem possível que não haja nenhum estudo sobre a percepção dos bois, dos cães, das galinhas, etc. Com toda certeza, não existe nenhum estudo comparativo da percepção das sete espécies arroladas em (1)-(8). Conseqüentemente, explicações como essa devem ser descartadas no presente estágio de conhecimento da fisiologia da percepção animal.

Uma perspectiva mais plausível seria a intensidade do contato da espécie em questão com o homem. Com isso, voltáremos ao ponto-de-vista que constitui o leitmotiv de toda minha argumentação, ou seja, a práxis humana, social. A partir dela temos uma resposta direta e imediata para, por exemplo, apenas uma expressão para se comunicar com os passarinhos em geral (8)(b). Eles não são domésticos propriamente ditos.

Apesar de tanto os bois quanto as vacas serem absolutamente imprescindíveis ao homem, existem três expressões para os primeiros (7)(c), (d), (e) e apenas duas para as segundas (5)(a), (c). Por quê? No presente contexto, simplesmente porque o contato do homem com as vacas se dá praticamente só duas vezes ao dia: à tarde quando as aparta dos bezerros; de manhã quando as ordenha. O contato com os bois, por outro lado, quando se dá ocorre o dia todo, tanto arando a terra quanto carreando os produtos do trabalho. O convívio homem-boi é mais complexo do que o convívio homem-vaca.

O princípio de explicação mais consentâneo com os horizontes de minha argumentação é, não obstante, o papel do animal na economia local, ou melhor, o seu papel como instrumento de produção, como meio de trabalho, o que, aliás, já se deixa vislumbrar no parágrafo anterior. Partindo daí, podemos explicar não só porque aos passarinhos só se diz [foj] e para os cavalos e bois se usa, respectivamente, as três expressões há pouco mencionadas. Os pássaros desempenham um papel perturbador na produção. Frequentemente eles consomem grande parte da plantação de grãos(arroz, por exemplo).

No que tange às vacas, às galinhas e aos porcos, trata-se de animais cujo papel na produção é passivo, embora indispensável. Os três têm uma serventia direta, fornecendo leite (vaca), ovos (galinhas) e a própria carne (os três). Nenhum deles é usado no trabalho propriamente dito, isto é, como meio para se obter algum valor de uso fora de seu próprio corpo. Sem vacas, galinhas e porcos a vida

seria impossível na fazenda. No entanto, nenhum deles trabalha para o homem. Os únicos animais que o fazem são o cavalo e o boi, se bem que a tendência é cada vez mais no sentido de sua substituição por veículos automotores. O que ainda não é o caso nessa fazenda, embora já o seja em algumas fazendas circunvizinhas. Não é de se admirar, por conseguinte, que haja uma expressão especial para se estimular (7)(c), outra para ordem de parar (7)(d), e outra para "segurar o carro" (7)(e), no caso dos bois, e uma para chamar (6)(a), outra para estimular (6)(c) e outra para parar (6)(d), no caso dos cavalos.

Para terminar, gostaria de tecer algumas considerações sobre a validade de pesquisas como a que aqui relato. Com efeito, dentro de uma perspectiva brasileira global ela parecia ser bastante periférica, portanto, deveria ocupar o último lugar numa escala de prioridades. Não vou discutir aqui as prioridades da pesquisa, mas tão só e unicamente por que considero investigações como esta de suma importância.

Quando observamos os modelos e as análises lingüísticas existentes, verificamos que são todos alienantes, na medida em que super-enfatizam determinado aspecto da língua (o sistema) em detrimento dos outros. A gramática gerativa transformacional chega mesmo a se ocupar só com um "falante-ouvinte ideal numa comunidade inteiramente homogênea". É bem verdade que nos últimos anos têm surgido propostas mais humanizantes, como as da sociolingüística, da pragmática e da análise do discurso. Mas, mesmo estas ficam aquém do desejável.

Se quisermos encarar a comunicação do homem integral e não de um homem mutilado, temos que considerá-lo em seu habitat, em sua ecologia. Antes de se comunicar o homem vive, ocupa um espaço e um tempo bem definidos. Por isso, se quisermos encarar a comunicação humana como um todo integrado é imprescindível um conhecimento de seu comportamento proxêmico e cinésico, além do lingüístico. É necessário conhecermos o seu "ambiente construído" (*built environment*) ou sua "arquitetura", segundo a terminologia de Preziosi (1976).

Se quisermos evitar essa descontextualização, essa mutilação e essa alienação da comunicação humana, temos que encará-la como a comunicação global de um homem integral. É claro que isso é extremamente difícil. Por esse motivo, tratei só da comunicação homem-animal, mas sem perder de vista nem um momento sequer que ela se situa num contexto maior da ecologia humana, no seu ambiente rural. O que tentei fazer foi apenas dar um passo na direção de resgatar, na pessoa do rurícola, a comunicação global do homem integral.

Referências Bibliográficas

- Couto, H.H. *Uma introdução à semiótica*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1983.
- Engels, F. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. 6ª. ed. São Paulo: Global Editora, 1984.
- Jakobson, R. As características fundamentais e específicas da linguagem humana. *Revista de Cultura Vozes*, 67(5) 5-10, 1973-
- Marx, K. *Para a crítica da economia política*. In: Marx (Coleção "Os Pensadores"). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

- Pavlov, I.P. *Textos escolhidos*. In: Pavlov/Skinner (Coleção "Os Pensadores"). São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp. 3-159.
- Preziosi, D. The non-dichotomy of sensory and grammatical relationships: toward a relational theory of the built environment. *The Second Lacus Fórum*. Columbia, S. C: Hornbeam Press, 1976, pp. 627-636.
- Rossi-Landi, F.A. linguagem como trabalho e como mercado. In: Escobar, C.H. (org.) *Semiologia e lingüística hoje*. Rio de Janeiro: Pallas S/A, 1975, pp.111-139.
- Searle, J. What is a speech act?. In: Giglioli, P.P. (org.) *Language and social context*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972, pp. 136-154.
- Sebeok, T.A. Estruturas zoo-semióticas e organização social. *Revista de Cultura Vozes*, 61'(5) 11-22, 1973-

NOTAS

- 1 Quem sabe há até fenômenos universais nesse tipo de comunicação? Seria interessante averiguar o mesmo em outras formações sócio-econômicas e confrontar o resultado com os da fazenda de Major Porto e os do Brasil em geral.
- 2 Clique bilabial surdo africado. Semelhante ao beijo à distância.
- 3 Junta de bois que fica atrás do carro-de-boi a fim de não deixá-lo disparar sobre os demais numa descida.